

ossadas e instrumentos prehistoricos, tres fieis em oração; para nada faltar, o artista figurou fóra da gruta, á direita, o templo, á esquerda uma nesga da paisagem de Carnaxide, em que avulta, como parte integrante e característica, um moinho de vento, com as suas velas armadas.

*

Escrevendo este artigo, não tenho por fim despertar polemica, nem abalar a consciencia dos crentes, porque respeito e acato a fé, quando sincera; mas não posso deixar de expôr os factos taes como a investigação scientifica, do mesmo modo sincera, me levou a apresentá-los.

J. L. DE V.

Notas archeologicas

Tendo-me um assignante d-*O Archeologo* perguntado qual a epocha a que pertencem as sepulturas abertas em rocha, e a que data remontam os primeiros enterramentos nas igrejas, eis o que, no pouquissimo tempo de que posso dispor, se me offerece responder.

1. Sepulturas abertas em rocha

Desenhos de sepulturas abertas em rocha vejam-se no *Relatorio da Expedição scientifica da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, — Secção de Archeologia —*, est. IX; no meu *Portugal prehistorico*, pag. 53; nos *Lusitanos e romanos* de Ferraz de Macedo, pag. 10, n-*O Archeologo Português*, pag. 9.

Na *Revista de Guimarães*, II, pags. 198 e 199, faz o Sr. Martins Sarmiento algumas considerações em relação á epocha a que essas sepulturas pertencem. Com quanto diga que tal epocha é incerta, inclina-se a crer que será a christã.

Tenho visto muitas sepulturas abertas em rocha, — em Trás-os-Montes, no Entre-Douro-e-Minho, na Beira, na Estremadura e no Alemtejo, mas, como nenhuma contém inscripções, e todas estavam já devassadas, nada certo pude averiguar da civilização a que pertencem. As razões que dá o Sr. Sarmiento para chegar a formular a sua hypothese tem algum fundamento; todavia na Beira-Alta, em mais de uma localidade, encontrei sepulturas d'aquella especie em campos, onde não ha vestigios de templos christãos, e onde pelo contrário se encontram em abundancia telhas de rebôrdo (romanas).

O Sr. Márques Rosa escreveu n-*O Combate*, de Alvaiazere (n.º 1 a 7, 1894), uns artigos em que se refere a sepulturas de Alvaiazere, abertas em rocha, mostrando que essas são christãs, pois numa encontrou um crucifixo de madeira.

Para resolver a questão por completo, em relação ao conjunto das sepulturas do país, é preciso ainda esperar por novos materiaes archeologicos.

2. Enterramentos em igrejas

Quanto á origem dos cemiterios christãos em geral, lê-se o seguinte no livro de A. Marignan, *La foi chrétienne au quatrième siècle*, Paris 1887, pag. 101 :

«Le chrétien ... a établi ses nécropoles à côté de celles des Juifs, voisines des tombeaux païens, sur les voies mêmes les plus fréquentées. Nous croyons qu'on a exagéré l'ancienneté des cimetières et qu'il n'en est pas un seul, qui remonte au delà de la fin du II^e siècle». Trata-se dos cemiterios subterraneos.

Em portuguez escreveu o Sr. Pereira Caldas um folheto intitulado *Os cemiterios christãos em sua origem*, Braga 1879, superficial como tudo quanto acode aos bicos da penna do encyclopedico e indefesso professor decano do lyceu bracarense. Cita-se ahi uma inscripção que se diz romana, e da Idanha, para se mostrar que data de longe o costume de collocar os tumulós junto dos templos (neste caso, templo pagão); comtudo o Sr. E. Hübner, no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, n.º 57*, não se decide abertamente pela authenticidade da inscripção.

No concilio de Braga de 563, canon 18.º, prohibe-se sepulturar nas igrejas, ou quando muito, permite-se a sepultura junto dos muros das igrejas: vid. *Collectio conciliorum Hispaniae*, Madrid 1593, pag. 122; e cfr. Hefele, *Histoire des conciles* (trad. fr.), pag. 555 sqq.

Sobre as mais antigas sepulturas christãs, de data certa, conhecidas em Portugal, vid. *O Archeologo Português*, pags. 7 e 8.

Do anno de 1286 ha um documento citado por João Pedro Ribeiro, nas *Reflexões historicas*, I, 44, do qual consta um enterramento dentro de igreja.

Do anno de 1345 ha outro documento, citado pelo mesmo A., nas *Dissertações chronologicas*, III-2, pag. 175, em que se falla de sepulturas «nas Egrejas e Adros».

Do anno de 1374 ha outro documento tambem citado por J. P. Ribeiro nas *Reflexões historicas*, I, 28, em que se falla de um enterra-

mento dentro do *cabido* de um mosteiro, junto de um altar¹; ha ainda um documento de 1253, mencionado nas *Dissertações chronologicas*, v, pag. 12, em que se falla de sepulturas em *igrejas*, mas aqui talvez se deva tomar esta palavra como synonyma de *mosteiro*; no mesmo caso está, creio eu, o documento de 1182 citado por Viterbo in *Elucidario*, I, s. v. *familiares*.

J. L. DE V.

Antas nos concelhos do Crato, Niza e Castello de Vide

Para corresponder ao convite feito no n.º 3 d'esta revista, relativamente a umas antas que se dizia existirem proximo de Flor-da-Rosa, entre Crato e Aldeia-da-Matta, tratei de apurar o que havia de verdade a tal respeito, obtendo os esclarecimentos que passo a referir.

Eram tres essas antas, mas presentemente só existe uma.

A primeira estava num sítio denominado Entre-as-Aguas, a noroeste de Flor-da-Rosa, de que distava um kilometro. Só restam d'ella duas pedras dentro de um espesso silvedo, onde é difficil penetrar.

A segunda ficava a sessenta metros, ao norte da estrada de Aldeia-da-Matta para Flor-da-Rosa, distante d'esta ultima povoação dois kilometros. Estava situada na courella ou terra do Torrico, dentro do couto de Valle-de-Figueira. Os unicos vestigios d'ella são muitas pedras miudas ou fragmentos de granito.

A terceira é a unica que tem ficado incolume até hoje. Distará apenas um kilometro de Aldeia-da-Matta e uns quinhentos metros, para Sul, do caminho já referido, e está situada no couto dos Pucarrinhos, pertencente ao Sr. João Manuel Gouveia. É enorme, e considerada a maior das antas que ha por esta parte do Alemejo-Norte.

O seu perimetro, internamente, mede 14^m,31, junto da base, havendo entre esta e o pavimento exterior uma grande differença de nível, o que alguns attribuem, não a quaesquer explorações scientificas para o estudo da archeologia prehistorica, mas sim ao preconceito, mantido pela tradição popular, de existir alli uma mina ou *thesouro escondido*, que a todo o custo convinha desentranhar da terra.

¹ Este documento e o do anno de 1286 vem tambem referidos no opusculo do Sr. Caldas.